

EDUCAÇÃO, FENOMENOLOGIA E HERMENÊUTICA: APONTAMENTOS E REFLEXÕES PARA UMA PRÁXIS ESCOLAR

Rodrigo de Siqueira Vianna (Aluno Especial da Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro - UENF)

Resumo: Sócrates, o “patrono da filosofia”, dialogava sobre o “o que é” alguma coisa. Na área educacional, fica inviável uma aula sem perguntas, tanto para aluno como para professor. O filósofo francês Paul Ricoeur, através de sua obra *O Si-mesmo como Outro*, investiga o termo “que”, mas pensa também o “quem” através de uma dialética entre identidade *idem* e identidade *ipse*. Partindo de um pensamento fenomenológico, hermenêutico e existencial, Paul Ricoeur recorre ao filósofo Martin Heidegger para interpretar o “que” e, o “quem”, acabando por se debruçar sobre o termo “Si”, que precisa ser repensado de maneira ontológica-existencial. O estudo sobre o “Si” perpassa oito estudos, o autor prefere estudo ao invés de capítulos. No quinto estudo acontecem as principais argumentações sobre a dialética *idem* e *ipse*. Essa dialética busca a junção do “que”, com o “quem”, culminando no “quem sou eu”? Se esta mesma dialética for pensada sobre uma *práxis* educacional, acontece o que Ricoeur chamou de manutenção do si. Enquanto na análise Heideggeriana, temos o que o filósofo Alemão chamou de cuidado, com Paul Ricoeur, a manutenção do si traça um caminho mais pedagógico. O cuidado reúne-se com o *Dasein*, e é justamente o conceito de cuidado e o conceito da manutenção do si-mesmo, que podemos alocar a um esquema mental educacional. Lembrando que este, não tem pretensão em ser a “salvação” dos sistemas educacionais. Estes dois conceitos no caminho da dialética *idem* e *ipse*, alinhados com a criatividade de cada professor, torna-se uma teoria filosófica-educacional para ajudar professores em sua digna profissão. Não intencionamos “forçar” uma interpretação educacional entre os dois autores, mas sim, apontamentos e reflexões para uma *práxis* escolar.

Palavras-chave: Educação. Fenomenologia. Hermenêutica. Cuidado.

Summary: Socrates, the “patron of philosophy”, dialogued about the “what is” of something. In the field of education, a lesson without question is unfeasible, both for the student and for the teacher. The French philosopher Paul Ricouer, through his work *The Self as Another*, investigate the term “what”, but also thinks about the “who” through a dialectic between *idem* identity and *ipse* identity. Based on a phenomenological, hermeneutical, and existentialist thought, Paul Ricouer resorts to the philosopher Martin Heidegger to interpret the “what” and the “who”, ending up focusing on the term “Self”, which needs to be rethought in an ontological-existencial way. The study of “Self” spans eight studies, the author prefers study instead of chapters. In the fifth study, the main arguments about the *idem* and *ipse* dialectic take place. This dialectic seeks to join the “what” with the “who”, culminating in the “who am i”? If this same dialectic is thought about on an educational praxis, what Ricouer called self-maintenance happens. While in the Heideggerian analysis, we have what the German philosopher called care, with Paul Ricouer, self-maintenance traces a more pedagogical path. Care meets *Dasein*, and it is precisely the concept of care and the concept of self-maintenance that we can allocate to an educational mental scheme. Remembering that this does not pretend to be the “salvation” of educational systems. These two concepts along the path of the *idem* and *ipse* dialectic, aligned with the creativity of each teacher, become a philosophical-educational theory to help teachers in the dignified profession. We do not intend to “force” an educational interpretation between the two authors, but rather, pointers and reflections for a school praxis.

Keyword: Phenomenology. Hermeneutics. Care.

Introdução

Quando a filosofia não é aprofundada, ou tratada com indiferença, surgem alguns clichês de que ela não responde a nada, é uma “viagem”, não tem utilidade para nada, entre outros chavões e jargões. Muito se deve aos manuais de filosofia, a figura de Sócrates como o “patrono” da filosofia. O professor de filosofia de ensino médio ou ensino de jovens e adultos por exemplo, nas suas primeiras aulas, não pode deixar de falar de Sócrates; mas isso tem um motivo. Nos esclarece Marilena Chaui que:

Sócrates andava pelas ruas de Atenas fazendo aos atenienses algumas perguntas: “O que é isso em que você acredita?”, “o que é isso que você está dizendo?”, “o que é isso que você está fazendo?”. Os atenienses achavam, por exemplo, que sabiam o que era a justiça. Sócrates lhes fazia

perguntas de tal maneira sobre a justiça que, embaraçados e confusos, chegavam à conclusão de que não sabiam o que significava (CHAUI, 2019, p. 13).

Percebemos que Sócrates gostava de perguntar, mas não perguntar de maneira curiosa por si só, ele gostava da pergunta em sua essencialidade. “a pergunta ‘o que é?’ Era o questionamento sobre a realidade essencial e profunda de uma coisa para além das aparências e contra as aparências” (CHAUI, 2019, p.13). A escola é um ambiente de descobrimento, impossível não passar da sala de aula, sem escutar uma pergunta, ou ser questionado por alguém dentro de sala. Os filósofos Paul Ricouer e Martin Heidegger, podem nos ajudar a encontrar um caminho filosófico-educacional para a pergunta dentro do ambiente escolar. Para isso, precisamos chegar nos conceitos de “manutenção do si” em Ricouer, e no conceito de “cuidado” em Heidegger.

1. A manutenção do si e o cuidado

Antes de mais nada, devemos lembrar da gramática, e perceber que o “que” e, o “quem”, tem funções sintáticas diferentes. Paul Ricouer, como grande linguísta, investigou profundamente isso em sua obra *O Si-Mesmo como Outro*. Esta obra é dividida em oito estudos (o autor prefere o termo estudos ao invés de capítulos). O primeiro estudo tem uma abordagem semântica da palavra “que” e “quem”. O segundo estudo é ligado a uma pragmática. Assim, os dois estudos iniciais, pertencem à filosofia da linguagem. O terceiro e quarto estudo, pertencem à filosofia da ação. O objetivo deste artigo, encontra-se no quinto e sexto estudos, mais especificamente no quinto estudo, em que Ricouer vai analisar a identidade pessoal e identidade narrativa através de uma análise hermenêutica. O sétimo e oitavo estudos, fazem uma análise ética, saindo do escopo deste trabalho.

Na obra *Ser e Tempo*, Martin Heidegger esclarece que “o quem responde a partir de um eu mesmo, do ‘sujeito’, do si-mesmo” (HEIDEGGER, 2006, p. 170). Já na obra *O Si-mesmo como Outro*, Paul Ricouer afere que “em Heidegger, a

investigação do quem? Pertence à mesma circunscrição ontológica da investigação do si-mesmo (*selbstheit*)” (RICOUER, 2014, p. 42).

Para uma melhor conceituação do “si”, podemos argumentar que trata-se da concretude da presença em sua realização própria e exclusiva. Si-mesmo, em *Ser e Tempo*, distingue-se precisamente de toda ideia de “em-si”, do ser simplesmente dado. Si-mesmo significa uma movimentação para o seu próprio, entendendo-se que o próprio do si-mesmo é assumir-se como movimentação, como espacialidade e temporalidade, em sentido ontológico-existencial. Não confundir com acepções de consciência, inconsciência, personalidade, psique, antropologia e afins.¹

Paul Ricouer analisa mais profundamente o “si”, e argumenta que “em Heidegger, é a dependência da problemática do *Selbst* (si-mesmo), em relação ao existencial *Dasein*, que arrasta o ‘quem’ para o mesmo espaço ontológico de gravitação” (RICOUER, 2014, p. 42). Ricouer entrou no terreno do *Dasein*, termo Alemão Heideggeriano que merece destaque em nossos estudos.

Ora, com o pequeno esboço sobre o entendimento sobre o “si”, resta saber o que são “os outros” na obra de Ricouer, já que sua obra tem como título *O Si-mesmo como Outro*. Aqui começa verdadeiramente a filosofia de Paul Ricouer em sua ligação com Heidegger. Conforme nos orienta Crisóstomo Lima do Nascimento (2019, p. 92), “*Dasein* é poder-ser. Poder-ser aponta para as possibilidades de ser. A compreensão é a articulação do poder-ser, isto é, a articulação das possibilidades que se abrem no mundo”. O termo “compreensão” merece destaque, é através dele que, continua Nascimento (2019, p. 93) “a compreensão, portanto, tem um caráter ‘positivo’, que constrata com a ‘negatividade’ da disposição, que condiciona e restringe as possibilidades de ser-no-mundo”.

Começa a se delinear a interação entre a filosofia de Paul Ricouer e Martin Heidegger. Portanto, para não sairmos do escopo educacional, temos uma palavra chave que reúne esse tipo de interação educacional-filosófica: “compreensão e disposição são estruturas ontológicas do *Dasein* reunidas no cuidado”

¹ Este parágrafo foi resumido das notas explicativas de Márcia Sá Cavalcante, a tradutora de *Ser e Tempo* para a língua portuguesa nesta edição estudada. Referências deste livro ao final do artigo.

(NASCIMENTO, C.L, 2019, p. 93).

O termo Heideggeriano “cuidado” tem um caminho diferente em Paul Ricouer. Trata-se da “manutenção do si-mesmo”, conceito encontrado no quinto estudo da obra *O Si-mesmo como Outro*. Para chegar na “manutenção do si-mesmo”, Ricouer defende uma dialética, a dialética entre a identidade *idem* e a identidade *ipse*. Quando esse caminho é percorrido, o leitor, segundo a concepção de Ricouer, consegue responder a pergunta “o que é?”, ou seja, a cogitação descrita na introdução deste artigo, e a pergunta “quem?”, inovação trazida pela identidade *ipse* teorizada por Ricouer. Essas duas perguntas respondem ao “o que sou?”, pergunta que abrange os questionamentos de ambos os autores deste artigo. A seguir, começaremos a argumentar a dialética *idem* e *ipse*.

Com a dialética *idem* e *ipse*, Paul Ricouer pretende melhorar e completar algumas lacunas pendentes da sua teoria narrativa descrita no tomo III da obra *Tempo e Narrativa*. “Proponho retrabalhar aqui a teoria narrativa, já não na perspectiva de suas relações com a constituição do tempo humano, como feito em *Tempo e Narrativa*, mas de sua contribuição para a constituição do si” (RICOUER, 2014, p. 112). A inovação consiste em um complemento da identidade pessoal e da identidade narrativa trabalhadas em *Tempo e Narrativa*.

A investigação principal de Ricouer no estudo da dialética das identidades, é a permanência no tempo. “É com a questão da permanência no tempo que a confrontação entre nossas duas versões de identidade se constitui pela primeira vez como verdadeiro problema” (RICOUER, 2014, p. 115). Atentamos que o “confronto” descrito por Ricouer, não tem a intenção de “combate”, para saber se a identidade *idem* é melhor ou pior do que a identidade *ipse*, e vice-versa. “Não se pode pensar até o fim o *idem* da pessoa sem o *ipse*, visto que um se sobrepõe ao outro” (RICOUER, 2014, p.122). Lembremos que Paul Ricouer era um hermeneuta, nesse caso, podemos considerar a proposta do círculo, tal qual segue abaixo:

Figura 1 - Dialética entre a identidade *idem* e *ipse* com o círculo hermenêutico



Fonte: Elaboração do autor.

Fazendo parte de uma identidade pessoal, a identidade *idem*, também expressa por Ricoeur como “mesmidade”, possui duas subdivisões: “identidade numérica” e “identidade qualitativa”. Quanto à identidade numérica, Paul Ricoeur explica que, “a esse primeiro componente da noção de identidade corresponde a operação de identificação, entendida no sentido de reidentificação do mesmo, de tal modo que conhecer é reconhecer: a mesma coisa duas vezes, *n* vezes (RICOEUR, 2014, p. 115).

Para melhorar a noção de identidade numérica, pensemos no número da nossa Carteira de Identidade. Consta nesta uma inscrição numérica sem a qual não podemos ser registrados perante um governo, por exemplo. Aqui, raciocinando de maneira burocrática, temos uma identificação. Porém, como Ricoeur explica, trata-se de “reidentificação do mesmo”. Assim, tentando responder ao “que”, a Carteira de Identidade não define o que somos verdadeiramente.

Na identidade qualitativa, Ricouer escreve que “a esse segundo componente corresponde a operação de substituição sem perda semântica” (RICOUER, 2014, p. 115). Como analogia, podemos pensar em dois indivíduos que utilizam a mesma roupa, nesse caso, de modo filosófico, não são roupas “iguais” mas “semelhantes”. Se os dois trocarem a roupa entre eles, ou seja, se “x” tira sua roupa e veste a roupa de “y”, e vice-versa, teremos uma “substituição”, tal qual Ricouer expressa. Nesse caso a identidade qualitativa também não nos define.

Seguindo o raciocínio de Ricouer, o que nos definiria na permanência do tempo? Ricouer pede que não joguemos fora a identidade *idem*, pois ela é o primeiro passo para o que o filósofo chamou de “caráter”. “Entendo aqui por caráter o conjunto das marcas distintivas que possibilitam reidentificar um indivíduo humano como sendo o mesmo” (RICOUER, 2014, p. 119). Ricouer não quer que pensemos o caráter como “definição de temperamento da pessoa” ou “determinante de condutas repetidas de uma pessoa”, mas sim, “o conjunto das disposições duráveis pelas quais se reconhece uma pessoa” (RICOUER, 2014, p. 121). Alertamos que essas “disposições adquiridas”, fazem parte da “dimensão temporal do caráter”; não definem, mas se solidificam na pessoa.

Passando para a identidade *ipse*, vemos que Ricouer quis melhorar um conceito que foi tão importante em seus estudos: a narrativa. Explica Paul Ricouer que:

Responder a pergunta “quem?”, é contar a história de uma vida. A história contada diz o *quem* da ação. Portanto, a identidade do *quem* não é mais que uma identidade narrativa. Sem o auxílio da narração, o problema da identidade pessoal, está, de fato fadado a uma antinomia sem solução: ou se supõe um sujeito idêntico a si mesmo na diversidade de seus estados, ou então se considera, na esteira de Hume e de Nietzsche, que esse sujeito idêntico não passa de uma ilusão substancialista, cuja eliminação faz aparecer tão-somente um puro diverso de cognições, emoções e volições (RICOUER, 2010, p. 418).

A narrativa, intrínseca ao ser, é um modo de manifestação do conhecimento. Por esta razão, começamos a pensar “no outro”, e como “o outro” nos afeta. Para se aprofundar na identidade narrativa e por consequência no *ipse*, Paul Ricouer escreve sobre o “cumprimento da promessa”. A “promessa” entendida pelo filósofo,

não tem cunho religioso, trata-se “da palavra cumprida na fidelidade à palavra dada” (RICOUER, 2014, p. 124). Argumenta o filósofo francês que o cumprimento da palavra:

Desenrola suas próprias implicações temporais, a saber, uma modalidade de permanência no tempo capaz de ser polarmente oposta à do caráter. Aí precisamente, *ipseidade* e *mesmidade* param de coincidir. Aí, por conseguinte, dissolve-se a equivocidade da noção de permanência no tempo. (RICOUER, 2014, p. 125).

Lembramos que não trata-se do “contratualismo” da época moderna, tal qual expõe Thomas Hobbes, John Locke, Rousseau, etc. Mas de uma filosofia contemporânea ligada à fenomenologia e existencialismo, visto que a “promessa” é pertencente ao “si” e tem uma relação com “o outro”. “A palavra cumprida expressa uma manutenção de si que não se deixa inscrever, como o caráter, na dimensão do algo em geral, mas unicamente na do *quem?*” (RICOUER, 2014, p. 124). Paul Ricoeur melhora essa conceituação para diferenciar que uma coisa é a “persistência do caráter”, outra é a “perseverança da fidelidade à palavra dada” (RICOUER, 2014).

A promessa pode ser entendida como “comprometimento” em Heidegger. O filósofo alemão afere que “o comprometimento tem o traço fundamental desse deixar situar (*An-lassen*) no surgir. O comprometimento é um ocasionamento (*Ver-an-lassen*) no sentido de um tal deixar situar” (1959, p. 379). Para se comprometer, o professor, situado em seu horizonte fenomenológico, tem que ajudar o aluno e também procurar o “ser da técnica”², conforme nos esclarece Heidegger: “a essência de algo vale, segundo antiga doutrina, pelo *que* algo é. Questionamos a técnica quando questionamos o que ela é.” (1959, p. 376). Continuando a citação de Heidegger: “na linguagem escolar da filosofia, a ‘essência’ significa o *que* algo é, em latim: *quid*. A *quidditas*, o que de algo (*Washeit*), dá resposta para a questão da essência” (1959, p. 391). Assim, também retonamos o início deste trabalho, com a pergunta Socrática em sua essencialidade.

² A “técnica” descrita no ensaio “A questão da técnica” de Martin Heidegger, pode nos ajudar neste artigo, porém, não vamos nos aprofundar neste tema pela profundidade que o filósofo alemão adere aos assuntos pertinentes até chegar ao que ele chama “técnica”. A referência deste ensaio consta ao final deste artigo.

2. Encontro entre professor e aluno

Sabemos das dificuldades perante o sistema educacional brasileiro, também não somos ingênuos quanto à falta de consideração política diante da educação em todos os níveis. Reiteramos que tentaremos escrever sobre “apontamentos” e “reflexões” para uma “práxis” escolar, visto que não daremos soluções ou didáticas, pois isto depende da criatividade do professor. Talvez, ousamos falar que trata-se de uma filosofia-educacional.

Dessa forma, retomemos o esquema apresentado entre a identidade *idem* e identidade *ipse*. Pensando no caráter relacionado à identidade, percebemos que por mais burocrático que pareça, uma pauta escolar faz parte da identidade numérica, o aluno precisa de uma matrícula, o professor precisa contabilizar faltas e o mais importante dar notas. Na identidade qualitativa, o professor precisa considerar comportamentos e atitudes e não “carimbar” o pior e melhor aluno, pior e melhor sala. É notório certa presunção quanto ao aluno que parece estudioso, mas acaba desinteressado pela disciplina, ou o inverso, o aluno que parece desinteressado, mas estuda ativamente a matéria. Não tenhamos preconceitos quanto aos múltiplos jeitos de pensar nos alunos, do mais agitado ao mais quieto.

A narrativa é importantíssima companheira na hora da aula. Saiba que por trás de um aluno, existe uma história de vida que antes de tudo deve ser analisada e sentida. A narrativa é importante inclusive para uma didática menos “maçante”, pois um jeito fácil de memorizar é através de narrativas. O professor precisa contar narrativas, fale das últimas notícias, mas mantenha sempre o respeito diante dos alunos, é importante que a sala não vire um “show de especulações”.

Uma das maneiras mais simples de entender a narrativa de um aluno se chama “sala dos professores”. Não se trata de fofoca, mas sim de uma abertura quanto às dificuldades e histórias dos alunos. Podemos dar o exemplo de um professor de Geografia “g”, que acha aluno “a”, muito devagar para entender a localização dos países. Talvez um professor de matemática “m”, saiba que ele vive em local com muita violência e se sente revoltado com o que acontece no seu bairro.

Nada melhor para esse professor “g”, começar a dar aulas sobre os conflitos atuais, ou os países que entraram em guerra, para que o aluno “encaixe” suas angústias no ensino.

Conclusão

Começamos esse artigo explanando sobre o “*quid*” socrático, a pergunta sobre o *que* é algo é em sua essencialidade. Referimos que a pergunta é inerente à sala de aula, e propomos uma reflexão através da manutenção de si em Paul Ricouer e o cuidado em Martin Heidegger. Conforme vimos, o “*que*” e “*quem*”, formam funções sintáticas diferentes, e com isso, ambos os autores citados neste artigo, se apoiaram no “si” como experiência ontológica-existencial. Em Heidegger, o “si” faz parte da estrutura do *Dasein*, enquanto, em Ricouer existe uma proposta dialética entre as identidades *idem* e *ipse*. Perpassamos a identidade numérica, a identidade qualitativa, o caráter, a identidade narrativa, até chegar na “promessa”, conceito de Paul Ricouer que se alinha fortemente com o “comprometimento” em Martin Heidegger.

Saindo da análise teórica e filosófica, colocamos exemplos, analogias e experiências de pensamento com as ideias explicadas entre os dois autores citados. Salientamos, que não trata-se de uma “forma” educacional, mas sim de uma tentativa filosófica-educacional para ajudar na criatividade e empenho do profissional.

Estes foram exemplos de “encontro”, não esqueçamos que educar tem sua raiz latina em “*educare*”, que pode ser traduzida como “conduzir para fora”.³ Logo, não se trata de coerção, como movimento do exterior para o interior, mas sim do interior para o exterior. Lembremos que informar é fácil, o difícil é formar o aluno para que ele assimile a matéria e torne-se uma pessoa mais humana e aberta às possibilidades. Propomos que a fenomenologia seja uma forma de descrever o

³ Conforme Dicionário etimológico. **Educação**. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>. Acesso em: 08 Nov. 2023

VII COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR EM COGNIÇÃO E LINGUAGEM

Desafios e impactos
na sociedade digital

07, 08 E 09

de
NOVEMBRO

ORGANIZAÇÃO:



COGNIÇÃO E
LINGUAGEM



fenômeno, escutando o aluno, para que ele utilize a hermenêutica como forma de dar sentido ao mundo e os fatos de interesse. Esse artigo é muito mais uma ferramenta, das várias que a fenomenologia e a hermenêutica podem abarcar na educação.

Referências

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 14ª edição. São Paulo - SP: Editora Ática, 2019.

CRISÓSTOMO, Lima do Nascimento. **Cuidado e Educação: uma abordagem fenomenológico-hermenêutica**. 1ª edição. Rio de Janeiro - RJ: Via Verita, 2019.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. *Scientiae Studia*, v. 5, n. 3, p. 375-98, [1959]. Tradução Marco Aurélio. SP. 2007. In: https://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf . Acesso em 20. Nov. 2023.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10ª edição. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2015. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante.

RICOUER, Paul. **O Si-mesmo como outro**. 1ª edição. São Paulo - SP: Editora WMF Martins Fontes, 2014. Tradução de Ivone C. Benedetti.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa**. 1ª edição. Tomos I, II e III. São Paulo -SP: Editora WMF Martins Fontes, 2014. Tradução de Claudia Berliner.